

LINGUAGENS SOBRE JESUS (1)

Coleção TEMAS BÍBLICOS

- *A antropologia pastoral de Paulo*, J. M. O'Connor, op
- *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*, V. Branick
- *Paulo para os conquistados: reimaginando a missão de Paulo*, Davina C. Lopez
- *Jesus, libertador da mulher*, Emile Eddé
- *Linguagens sobre Jesus (1) - As linguagens tradicional, neotradicional pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal*, J. B. Libanio, Carlos Cunha

J. B. LIBANIO - CARLOS CUNHA

LINGUAGENS SOBRE JESUS (1)

**AS LINGUAGENS TRADICIONAL, NEO-
TRADICIONAL PÓS-MODERNA,
CARISMÁTICA, ESPÍRITA
E NEOPENTECOSTAL**



Direção editorial: Zolferino Tonon
Assessoria bíblica: Paulo Bazaglia
Assistente editorial: Jacqueline Mendes Fontes
Revisão: Márcia Elisa Rodrigues
Tiago José Risi Leme
Diagramação: Dirlene França Nobre da Silva
Capa: Marcelo Campanhã
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Libanio, J. B.

Linguagens sobre Jesus: as linguagens tradicional, neotradicional pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal / J. B. Libanio, Carlos Cunha. — São Paulo: Paulus, 2011. — (Coleção Temas bíblicos; vol. 1)

ISBN 978-85-349-3282-0

1. Cristianismo 2. Jesus Cristo - Historicidade 3. Jesus Cristo - Pessoa e missão 4. Literatura sobre Jesus Cristo 5. Teologia cristã I. Cunha, Carlos. II. Título. III. Série.

11-09912

CDD-232.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo: Vida: Linguagens e interpretações: Cristologia 232.901

1^a edição, 2011

© PAULUS – 2011
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3282-0

INTRODUÇÃO

Na literatura mundial, nenhum personagem ocupa tanto espaço como Jesus. Em todos os tempos, desde as testemunhas do Novo Testamento até hoje, a sua pessoa, mensagem e vida atraíram a atenção de escritores. Para além de todas as crenças, sua figura tem significado universal no tempo e nas geografias, despertando o imaginário religioso das pessoas. Os escritos sobre ele e as mensagens em seu nome invadem, quais ondas indômitas, praias do conhecimento nunca antes tocadas.

Os ateísmos, o combate ao Cristianismo não conseguiram silenciá-lo. E de todos os rincões surgem obras maravilhosas que nos enchem os olhos de beleza. Ora em tom de romance, como *A sombra do Galileu*, de Gerd Theissen, ora com a perícia de investigador bíblico, como *Jesus, aproximação histórica* de J. Pagola. Os discursos abstratos, de teologia difícil, cedem espaço para a vida do homem Jesus na crueza de sua história de andarilho, como no texto de Crossan.

Vivemos verdadeiro paradoxo. A pessoa de Jesus ultrapassa todas as fronteiras e culturas. Quando os Beatles ousaram dizer que eram mais famosos que Jesus Cristo, houve celeuma mundial. No entanto, cresce na Europa e em vários países de maioria muçulmana real perseguição aos cristãos, a ponto de ter-se criado a expressão “cristianofobia”. Sem se restringir ao

mundo católico, mas falando de todos os cristãos, Bento XVI, na Mensagem para a celebração do XLIV Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2011, alude a tal realidade:

Os cristãos são, atualmente, o grupo religioso que padece o maior número de perseguições decorrentes da própria fé. Muitos suportam diariamente ofensas e vivem frequentemente em sobressalto por causa da sua procura da verdade, da sua fé em Jesus Cristo e do seu apelo sincero para que seja reconhecida a liberdade religiosa. Não se pode aceitar nada disso, porque constitui uma ofensa a Deus e à dignidade humana; além disso, é uma ameaça à segurança e à paz, e impede a realização de um desenvolvimento humano autêntico e integral.¹

Deter-nos não no estudo sobre Jesus Cristo, como tal, nem nas cristologias, mas nas diferentes linguagens sobre Jesus, permite-nos entender a variedade da literatura sobre ele. Ele carrega tal vitalidade de existência e de mensagem que produziu, ao longo da história, comentários bem diversos. E as épocas e pessoas projetam também nele, num círculo de interpretação e criação, desejos e sonhos. Já no início do século XX, o famoso médico Albert Schweitzer (1875-1965), que também se tornou exímio exegeta e estudioso dos inícios do Cristianismo, comentava:

Cada época seguinte da Teologia encontrava, assim, as suas próprias ideias em Jesus, e é só desse modo que conseguia inspirar-lhe a vida. Nem eram só as épocas que se viam espelhadas nele: cada um em particular criava-o à imagem de sua própria personalidade. Não há outra empresa histórica mais pessoal que escrever uma Vida de Jesus.²

Outro teólogo protestante comparava, na ausência das certezas históricas das pesquisas sobre a vida de Jesus, o nome de

¹ BENTO XVI. Mensagem para a celebração do XLIV Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2011, n. 1.

² SCHWEITZER, Albert. *Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*. Munique: Siebenstern Taschenbuch, 1966, p. 48 (1^a ed. 1906).

Jesus com taça vazia em que cada teólogo verte o conteúdo das próprias ideias.³

Sem chegar ao extremo dessas posições, a vida de Jesus permite o aflorar de muita imaginação e tem gerado diversas linguagens. No presente livro, trataremos de cinco linguagens assaz trabalhadas e lidas nas Igrejas católica e evangélicas, e na religião espírita, a saber: as linguagens tradicional, neotradicional pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal.

Cada linguagem entende-se no contexto cultural em que se elabora, em relação a que tipo de destinatário se dirige e a que interesses visa. Caracteriza as culturas a dinamicidade. Continuamente transformam-se por jogo sutil e difícil de ser analisado entre o impacto que ela produz sobre as pessoas e como estas, por causa da capacidade criativa humana, a modificam em perene círculo dialético. O ser humano constrói o mundo simbólico no qual vive, projetando algo de si, mas também assimilando o que existe.

Sendo a sociedade uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, qualquer adequada compreensão teórica relativa a ela deve abranger ambos estes aspectos [...] Estes aspectos recebem correto reconhecimento se a sociedade for entendida em termos de um processo dialético em curso, composto de três momentos, exteriorização, objetivação e interiorização. No que diz respeito ao fenômeno social, estes momentos não devem ser pensados como ocorrendo em uma sequência temporal [...] Estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade.⁴

Quem estuda a língua portuguesa no Brasil se dá conta de como a sua índole nos influenciou e influencia até hoje.

³ KALTHOFF, Albert. *Das Christus-Problem. Grundlinien zu einer Sozialtheologie*. Leipzig 1902.

⁴ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 173.

Elá goza de certa suavidade fonética que nos marca o comportamento, enquanto outras línguas duras e ásperas moldam pessoas rudes. Somem-se o clima, o temperamento, a geografia, a história, as tradições nativas, o peso da influência negra e indígena para nos moldar. E por que tal digressão? Porque as linguagens sobre Jesus elaboradas no Brasil refletem tal clima diferente, mesmo que remontem a matrizes bíblicas comuns. Desde o português brasileiro, captamos facetas novas de Jesus.

A figura universal de Jesus se expressa na particularidade de nossa língua. Enriquece-a com a maravilha da sua pessoa. Mas também ela reverbera à luz de criações literárias que alcançam leitores alheios ao âmbito especificamente cristão. Lá no fundo, porém, encontramos o Evangelho a provocar reações as mais diversas.

Após vinte séculos, o espetáculo não mudou. O Evangelho é sempre o “pomo de discórdia”, caído do céu na terra. Uns beijam-lhe as páginas com respeito de adoração e de ternura de amor; para outros, cada palavra é sagrada como palavra de Deus e de verdade. Outros o perseguem com raiva e desprezo. Rasgar-lhe as folhas e lançá-las ao vento seria, segundo sua opinião, o maior serviço prestado à humanidade. Seus dogmas absurdos, sua moral egoísta ou sobre-humana são o maior obstáculo para o voo do espírito humano em direção à luz e à liberdade. Outros reconhecem nele parcelas de verdade e de bem, belos adereços de ouro, mas envolvidos numa ganga espessa de erros e infantilismos. A luta continua e, no meio dos ataques e das contradições, hoje como ontem, o Evangelho não cessa de reinar.⁵

Toda produção humana, plantada em determinado contexto histórico, padece três tipos de limite. Capta o passado com o viés restritivo do presente. Com isso, produz amnésias de elementos importantes que permanecem então à espera de que

⁵ LEROY, Hippolyte. *Jésus-Christ. Sa vie, son Temps.* 5^a ed. Paris: Beauchesne, 1910, p. VI.

outra linguagem os recupere e redescubra. Ao voltar-se para o presente, sofre os confins de seu horizonte. Todo presente permite e impede de entender certas realidades, quer já passaram, quer ainda a serem vislumbradas. Os filósofos nos falam de consciência possível.⁶ E, em relação ao futuro, o presente só capta vislumbres e sinais anunciantes. Só mais tarde, quando ele se desvela em presente, damo-nos conta do que existia e não tínhamos ainda percebido bem.

A linguagem sobre Jesus não se isenta de tais limitações. Dois extremos a evitar. Os escritores antes de nós já disseram tudo. Então, silêncio. Ou agora, sim, descobrimos a verdadeira e perfeita maneira de falar de Jesus. Tudo o que se disse antes de nós já está superado. Pretensão que desconhece a condição humana de intérprete incompleto de realidade maior.

Sondemos, então, as linguagens e interpretações passadas para verificar se não estamos a perder pérola preciosa e conquista realmente definitiva. O afã do presente, não raro, nos conduz a esquecer que os antigos também conheciam, amaram, estudaram e perceberam elementos maravilhosos da vida de Jesus. A veste antiga não desmerece a beleza do corpo. A vida de Jesus se compara a palácio, que existe há muito tempo e que nunca cansaremos de conhecer.

A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão (não sabemos quanto nos resta de não factual a historicizar) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo, assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em

⁶ Ver GOLDMANN, Lucien. *Conscience réelle et conscience possible, conscience adéquate et fausse conscience*. *Marxisme et Sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1970, p. 121-129. Refere-se ao fato de toda consciência estar limitada ao horizonte do próprio tempo e espaço. Ela, como diz a própria palavra, possibilita chegar a uma consciência real a respeito de uma realidade. É-lhe o fundamento. É o máximo grau de adequação à realidade que uma consciência consegue alcançar, sem por isso provocar mudança de sua natureza. A consciência real é a adequação objetiva à realidade. A consciência possível indica a forma-limite: o máximo de conhecimento ou compreensão que um indivíduo, um grupo, uma classe social ou toda uma época podem alcançar sobre um problema, dados os condicionamentos que limitam sua visão. É o horizonte de conhecimento que não se consegue ultrapassar em dado momento cultural.

que estamos encerrados. Um espírito absoluto, que conhecesse seu geometral e que não tivesse nada mais para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornecem a planta do prédio.⁷

Bem assentados no presente, custa-nos imaginar que outras vozes surgirão e, quem sabe, emudecerão muito do nosso linguajar. O futuro permanece aberto, imprevisível. E assim ele derrota, muitas vezes, as linguagens presunçosas da atualidade.

O Jesus histórico da modernidade, que irrompeu dentro da linguagem tradicional, não conseguirá, sem mais, anular-lhe as riquezas. Nem também esgota o que ainda virá.

No caso de Jesus, tal fato se faz evidente por ser ele o Transcendente feito história, o Absoluto pousando nas formas relativas do linguajar humano. Goza de excesso inabarcável que nenhuma nova linguagem esgota. A Escritura, onde se leem os relatos fontais sobre Jesus, cai sob a denominação de texto clássico. Este revela claramente o jogo de permanência e mudança no sentido. C. Geffré cita a D. Tracy, “bom representante da atitude hermenêutica em teologia, quando ele reflete sobre a noção de clássico, a propósito dos textos clássicos”:

[Clássico] é um texto que manifesta sempre uma pluralidade de sentidos e que resiste assim a uma interpretação definitiva, uma interpretação que o declara encerrado, uma interpretação que põe fim à pluralidade de interpretações. O que também constitui o privilégio de um texto clássico é o fato de que, seja qual for a origem particular deste texto, por conseguinte que provenha desta ou daquela cultura, este texto tem, apesar de tudo, um alcance universal para a comunidade humana. Portanto, assim como dispomos dos “clássicos” na literatura

⁷ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3^a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 133.

universal, temos também a ver com textos religiosos que se tornaram clássicos para cada tradição religiosa.⁸

Mais: no referente a Jesus, determinada linguagem, quando se pensa exclusivista, gesta falsa intelecção de sua pessoa, mensagem e prática, ao omitir ou deturpar elementos fundamentais. Nesse momento, recorremos à tradição bíblica e eclesiástica para sinalizar-lhe os limites.

Paradoxo intrigante das linguagens sobre Jesus. De um lado, está a Escritura, a norma normans, que já se encerrou. Não se lhe acrescentará nenhum outro livro. Número fechado! As Igrejas cristãs não reconheceram outros escritores da revelação cristã depois dos livros do Novo Testamento.⁹

Por outro lado, nenhum texto está concluído. Ele circunscreve sentidos com as palavras, mas estas escapam da couraça fundamentalista. O leitor se move em um mundo de significados, de interpretações sempre em mudança. O texto proíbe interpretações arbitrárias, porque cristaliza um sentido com as palavras escritas. Não se pode entender qualquer coisa de um texto. No entanto, ele permite certa flexibilidade de interpretações. Entre a fixidez e a arbitrariedade, passem as diferentes linguagens sobre Jesus, trazendo cada uma alguma novidade sobre ele. Eis a imprescindibilidade da hermenêutica.

Não existe saber direto na realidade fora da linguagem e a linguagem é sempre uma interpretação. Mas, paradoxalmente, esta generalização da instância hermenêutica em todos os domínios do saber, na época contemporânea, nos permite reivindicar um estatuto científico para teologia [...] Pode-se dizer que não somente no caso das ciências humanas, mas até no caso das ciências naturais, todo conhecimento científico hoje

⁸ GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar. A virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 34.

⁹ Existem evangelhos apócrifos que, embora não assumidos oficialmente pela Igreja, vêm sendo, ultimamente, estudados com seriedade. Neles se descobrem elementos válidos para conhecer melhor o contexto vital de Jesus.

é um conhecimento interpretativo. Não há apreensão ou acesso imediato à realidade fora da linguagem, e a linguagem já é necessariamente uma certa interpretação. Por conseguinte, há uma concordância em reconhecer que todas as ciências são ciências interpretativas.¹⁰

A linguagem tradicional se estruturou fora do contexto da descoberta da hermenêutica. No entanto, ela não deixa de ser determinada interpretação. Hoje, todo estudo sério pressupõe a virada hermenêutica, mesmo que seja para criticar-lhe algumas consequências ou exageros. Ela já se impôs como irreversível. Constitui o pressuposto teórico para entender as linguagens que nascem e se interpretam situadamente. Não existe uma linguagem que supere todos os tempos e se mostre definitiva. Nela coexistem elementos perenes e transitórios.

Ao tratar das linguagens sobre Jesus, buscamos a fidelidade à sua natureza, mas, ao criticá-la, partimos da posição da cristologia moderna que interpreta Jesus de maneira bem próxima da realidade histórica de seu tempo. Assumimos com seriedade a posição de São Paulo, que nos fala que Jesus poderia ter andado de maneira divina entre nós, mas não o quis. Preferiu escolher a forma de servo, renunciando a toda condição divina de proceder, aparecendo como qualquer homem (Fl 2,6-7). E sob essa perspectiva bem humana, humilde e pobre de Jesus, entendida na tradição cristã continuada até os tempos modernos, nos defrontaremos com as diversas linguagens sobre ele.

Ainda que, em sua natureza humana, Cristo fosse idêntico aos demais homens, de fato diferia deles porque não tinha necessidade de ser reconciliado com Deus, coisa que os demais, sim, necessitavam. Entretanto, humilhou-se a si mesmo em obediência e aceitou a morte.¹¹

¹⁰ GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar...*, p. 33.

¹¹ MURPHY-O'CONNOR, Jerome. Antropología cristológica de Flp 2, 6-11. *Selecciones de Teología* 17 (1978), n. 68, p. 305.